



## O Acervo Padre José Nilson e o Mucuripe: entrecruzando a memória e escrevendo a história.

Ianna Edwirges Uchoa Almeida<sup>1</sup>

Recebido em: 27/01/2019

Aceito em: 25/02/2019

### RESUMO

Nosso mote é o *Acervo Padre José Nilson* localizado em uma sala anexa a Igreja de Nossa Senhora da Saúde no bairro Mucuripe, este memorial é um recorte do amplo acervo sobre o Mucuripe que foi idealizado por Vera Lúcia Miranda em 1997. A figura central deste acervo, Padre José Nilson de Oliveira Lima, pároco dessa igreja dos idos de 1950 a 2003 permeia a memória social desta comunidade por mediar as questões sociais do bairro, como os problemas habitacionais decorrentes da remoção das prostitutas da Rua da Frente (atual Avenida Beira Mar), a melhoria das condições de vida dos jangadeiros, principalmente pela profissionalização de seus filhos. Por isso, as próximas linhas refletem sobre a constituição desta *memória coletiva* em torno de Padre Nilson. Daí utilizarmos o acervo que é composto por fotografias, recortes de jornais e objetos que remetem ao Padre Nilson, por isso o entendemos como um *lugar de memória* segundo a acepção de Pierre Nora.

**Palavras-chaves:** Mucuripe- Padre José Nilson- memória.

**The Pe José Nilson collection and the Mucuripe: crossing the memory and writing the history.**

### ABSTRACT

Our theme is the *Padre (Priest) José Nilson Collection* located in a room adjacent to the Church of Nossa Senhora da Saúde in the Mucuripe neighborhood, this memorial is a fragment of the large collection about the Mucuripe that was conceived by Vera Lúcia Miranda in 1997. The central figure of this collection, Padre José Nilson de Oliveira Lima, parish priest of this church dating from 1950 to 2003 permeates the social memory of this community for mediating the social problems of the neighborhood, such as the housing problems due to the removal of prostitutes from Rua da Frente (current avenue Beira Mar), the improvement of the living conditions of the *jangadeiros* (sea workers, men who use the *Jangada* (a kind of boat) to fish), mainly by the professionalization of their children. For that reason, the next lines reflect on the constitution of this collective memory around Padre Nilson. For this we use the collection that consists of photographs, newspaper clippings and objects that refer to Padre Nilson, so we comprehend it as a place of memory according to the understanding of Pierre Nora.

**Keywords:** Mucuripe- Padre José Nilson- memory.

<sup>1</sup> Graduada em História pela Universidade Estadual do Ceará (UECE), E-mail: [iannaedwirges@yahoo.com.br](mailto:iannaedwirges@yahoo.com.br)  
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4672289517814976>



## 1 NAS PAREDES DA MEMÓRIA: O ACERVO CULTURAL PADRE JOSÉ NILSON

O Acervo Cultural Padre José Nilson que se localiza em sala anexa da Igreja de Nossa Senhora da Saúde se constitui essencialmente por recortes de jornais e fotografias que aludem á Padre José Nilson de Oliveira Lima, o pároco da comunidade Mucuripe por 50 anos, e durante este meio século foi uma figura essencial para luta da melhoria de vida dos mucuripenses. Diante disso, levantamos algumas questões: Quais fatores levam o Padre Nilson a se fazer presente na memória individual e coletiva dos moradores do bairro Mucuripe? De que modo esta memória coletiva constitui um elemento da identidade desta comunidade?

Ao levantarmos tais questões torna-se necessário apontarmos algumas reflexões tais como as relações e diferenças entre a História e a Memória, e o papel da memória na escrita da História, além de pensarmos nos fundamentos da *memória coletiva* mucuripense. Para tanto utilizamos o próprio acervo/memorial como fonte a ser analisa e da metodologia da História Oral para destacarmos as mudanças ocorridas no acervo.

Este memorial é uma porção de um acervo maior, que objetivava não só ser um espaço de memória voltado à Padre José Nilson, mas de todas as pessoas que foram marcantes para o Mucuripe. O espaço foi idealizado e organizado por Vera Lúcia Marcelino Miranda, como veremos esta moradora da comunidade também foi importante para o combate à miséria no bairro do Grande Mucuripe<sup>2</sup>.

Intitulado inicialmente por “Acervinho do Mucuripe Padre José Nilson”, apresentava um montante de recortes de jornais, fotografias, postais e tudo que Verinha, como a mucuripense era carinhosamente chamada, podia juntar e organizar na pequena residência de sua mãe, localizada na Rua Boa vista, nº 26, no próprio bairro Mucuripe. Conforme Miguel Ângelo de Azevedo (Nirez) em *Cronologia ilustrada de Fortaleza-roteiro para um turismo histórico e cultural* (1995), o acervo do Mucuripe Padre José Nilson foi fundado em 17 de maio de 1997.

A organização do acervo proposta por Vera Miranda se centrara em abordar os aspectos sobre a comunidade, sobre a escola, que neste caso acreditamos ser a Escola Padre José Nilson, e sobre a linha férrea. Com exceção deste último elemento, os dois primeiros

<sup>2</sup> Região que abrangiam as comunidades Morro santa Terezinha, Morro do Teixeira, Serviluz, Castelo Encantado.



apresentam uma série de descrições, que para a organizadora eram fundamentais para se conhecer a realidade do Mucuripe.

Para compor o acervo, Verinha estabeleceu um roteiro de coleta de dados do Mucuripe<sup>3</sup>. “Um roteiro sentimental, fotografias e pinturas para dar conta do eterno e do transitório- ou do que há de eterno no transitório. Eternos e nobres, para ela, são os homens do mar. Por isso, eles têm lugar de honra no acervo iconográfico<sup>4</sup>. Destacamos a seguir os pontos apresentados no roteiro elaborado por Vera Lúcia Miranda, a Verinha:

Sobre a comunidade:

1. Aspectos históricos (fundador, data, principais fatos ligados ao início da formação da comunidade, principais fases de desenvolvimento- origem do bairro - características da comunidade);
2. Localização da comunidade em relação à cidade e ao estado;
3. Serviços da comunidade: meios de comunicação e meios de transporte mais utilizados;
4. Segurança pública - presença de policiamento e orientação de trânsito;
5. Saúde – assistência médico-hospitalar: posto de saúde, pronto socorro, hospitais, ambulatório;
6. Saneamento básico: serviços de água encanada, lavanderias públicas, rede de esgoto;
7. Coleta de lixo domiciliar: tratamento de lixo, depósito de lixo, doenças provocadas pela falta de higiene e saneamento;
8. Assistência Social: centro social urbano, formas de assistência social e trabalho comunitário;
9. Melhoramentos urbanos - características dos domicílios, favelas existentes, principais vias de acesso, problemas enfrentados pela comunidade pela falta de melhoramentos urbanos;
10. Serviços de recreação e esporte: clubes, centros recreativos, cinemas, parques infantis, campo de futebol e outros;
11. Serviços culturais: presença de escolas de educação infantil, ensino fundamental e médio, bibliotecas existentes, escolas mais respeitadas pela comunidade (justificar). Existência de grupos artísticos, principais festas populares (folclóricas, cívicas, religiosas e outras);
12. Serviços religiosos: religião predominante na comunidade: Movimentos de grupos religiosos ligados ao trabalho com crianças e jovens (citar o trabalho que existe e as instituições envolvidas);
13. Abastecimento-supermercado, lojas, farmácias, mercado, feiras livres;
14. Recursos econômicos: Base da economia da comunidade. Principal fonte de renda, profissões mais comuns exercidas na comunidade (especificar o tipo de trabalho);
15. Lideranças comunitárias: tipos de lideranças comunitárias existentes, líderes comunitários, associações, trabalhos de educação popular desenvolvidos na comunidade;
16. Principais problemas que a comunidade enfrenta, considerando aspectos: estrutura física, social, econômica, política, cultural e outros que julgar importante;
17. Sugestões para melhoria de vida da população (na comunidade).

<sup>3</sup> Atualmente este roteiro se encontra no Acervo Cultural Padre José Nilson. Igreja de Nossa Senhora da Saúde.

<sup>4</sup> Matéria *Nas paredes da memória*. Revista Farol. Publicação da prefeitura municipal de Fortaleza. Nº 1, outubro, ano ilegível.



Posteriormente, a construção da Via expressa fez com Verinha e o seu acervo fosse removido para o alto do morro, assim seu irmão Marcelo Miranda relata que:

(...) veio a Via Expressa, pegou o acervo, ela sentiu-se muito... (...) aí ela comprou essa casinha lá no morro, no mirante, era muito pequena, ela ficou muito desanimada. Vinha a reportagem das televisões ver, ela deu muita reportagem, se emocionava muito, chorava muito aí a partir daí a prefeitura deu, assim um apoio na época, que época política também (incompreensível) aí fizeram esse acervo lá em cima. (Marcelo Miranda, 61 anos)<sup>5</sup>.

Este processo de remoção prejudicou a acomodação do vasto material, por conta da diminuta extensão no qual deveria se alocar o acervo, isso fez com que Verinha fizesse uma mobilização junto aos veículos de comunicação para que tivesse algum auxílio. Que foi concedido por meio da Prefeitura de Fortaleza, que cedeu uma casa maior para que o acervo fosse realocado.

O memorial disposto no salão paroquial da Igreja de Nossa Senhora da Saúde foi iniciativa do então pároco Padre Alderi Leite de Araújo, que em 29 de março de 2008 inaugura a sala devotada à memória de Padre José Nilson. Para tanto conta com a doação das fotografias e recortes de jornais que constavam no Acervo do Mucuripe Padre José Nilson, de organização de Verinha. Além disso, passou a fazer parte do acervo mobílias, batina e livros que pertenciam ao religioso. No ano de 2010 (precisamente no dia 30 de maio) há a reinauguração, desta vez o memorial passa a denominar um *lugar de memória* à Padre Nilson.

Durante nossas visitas ao acervo/memorial nos deparamos com os materiais já mencionados (recortes de jornais, fotografias, dentre outros) e com os objetos de devoção criados pelos fiéis em agradecimento a um milagre ou graça alcançado, os ex-votos e muitas vezes essas graças eram atribuídas ao Padre José Nilson.

Solange Costa, uma das atuais organizadoras do acervo aponta que em fins do ano de 2015<sup>6</sup> o acervo foi realocado para outra sala, no qual se encontra atualmente e no fins do ano de 2017 o grupo de extensão *O professor de História e o Patrimônio: Faz escuro, mas eu canto* vinculado ao curso de História da UECE realizou o processo de higienização digitalização e catalogação da porção do acervo presente na Igreja de Nossa Senhora da Saúde

<sup>5</sup> Entrevista concedida no dia 16/10/2017 na residência do entrevistado e encontra-se em nossos arquivos de pesquisa.

<sup>6</sup> Entrevista realizada no dia 18/10/2017 no Acervo Cultural Padre José Nilson, Igreja de Nossa Senhora da Saúde, Mucuripe.



e em 2018 iniciou o processo arquivístico na outra parte do acervo, que após a falecimento de Vera Miranda, ficou locado na residência de seu irmão.

Sobre a relação da comunidade mucuripense com o Acervo Cultural Padre José Nilson e sobre a imagem constituída ao sobre o religioso Solange Costa nos aponta:

(...) nós temos objetos pessoais dele, que tudo isso aqui tem registro de próprio punho, desde quando ele ficava aqui direto na paróquia, e a gente fez uma campanha também no final de 2015, para 2016, nós fizemos uma campanha com os paroquianos para quem tivesse alguma coisa do Padre José Nilson, alguma coisa pessoal, aí a gente conseguiu muitas coisas, muitas fotos aqui que nós temos apareceram na campanha certo?! Objetos pessoais, uma roupa do padre José Nilson, algum objeto pessoal que ele usava, uma estola, uma casula, foi aparecendo. Mas o nosso intuito maior aqui é preservar a história do Padre José Nilson né! Deixar viva na memória porque o padre José Nilson quando ele chegou aqui ele era pároco do Mucuripe até o Caça e pesca, então envolvia muitas comunidades, então é uma história que ele fez a evolução do Mucuripe ta entendendo?! Com a chegada do Padre José Nilson, com os pescadores, com as mulheres rendeiras, com as prostitutas lá do Serviluz. Então ele fez um trabalho, assim muito pé no chão, junto com as pessoas. Então ele era uma pessoa muito querida, muito respeitada. Quando ele chegou novinho ele ficou até desacreditado pelos pescadores(...) (Solange Costa da Silva Bandeira, 52 anos).

O trecho do relato concedido pela organizadora do memorial nos evidencia o modo como o acervo cultural Padre José Nilson está organizado atualmente, respeitando uma cronologia. Embora a imprecisão das datas e referências seja algo problemático para leitura e entendimento das fotografias expostas. Outro aspecto que merece atenção nesta passagem é o fato de alguns mucuripenses guardarem em suas casas objetos ou fotografias que remetam a Padre José Nilson, e ao serem convidados a levarem esses elementos de recordação ao acervo mostra o quanto a memória constituída em torno de Padre Nilson é importante elemento de identidade coletiva ou social. Neste caso a memória é um fator que congrega uma geração em torno da figura de Padre Nilson.

Como nos coloca Pierre Nora no famoso artigo *Entre memória e História, a problemática dos lugares* (1993) vivemos em um momento de aceleração da História, uma ruptura com o passado, por isso as pessoas passam a criar “lugares de memória”, pois a memória está esfacelada, embora alguns elementos tenham resistido. Diante disso entendemos que o Acervo Cultural Padre José Nilson se caracteriza por ser um lugar de memória. Memória esta que resistiu aos processos de desestruturação sócio-espaciais da comunidade, fruto do processo histórico, onde a especulação imobiliária expulsou os moradores em detrimento da elite, que passou a ocupar a zona litorânea da cidade.



## 2 MEMÓRIA E HISTÓRIA: A IDENTIDADE DO MUCURIPENSE.

A memória é um elemento fundamental para entendermos o processo de constituição da História, devemos reconhecê-la como fundante do homem enquanto um ser social. Pois quando o homem estabelece sua memória individual e coletiva ele aprende. Portanto, se torna um ser consciente de si e dos outros. Não podemos ainda deixar de mencionar o papel da linguagem na composição da memória, sobre isso o historiador francês Jacques Le Goff (2013), se valendo do estudioso das questões psíquicas Pierre Janet, pontua em sua obra *História e Memória*:

Assim Pierre Janet “ considera que o ato mnemônico fundamental é “comportamento narrativo”, que se caracteriza antes de mais nada pela sua *função social*, pois se trata de comunicação a outrem de uma informação, na ausência do acontecimento ou do objeto que constitui o seu motivo” (FLÓRES, 1972, p. 12 *Apud* LE GOFF, 2013, p. 389).

Vale ressaltar que no caso de nosso objeto de estudo tomaremos a ideia de *memória coletiva*, daí faz-se mister valermos das reflexões do sociólogo francês Maurice Halbwachs que reconhece que a memória se edifica na medida que construímos nossas impressões, lembranças, e conhecimentos por meio das heranças de outrem. Muitas vezes a memória é fruto daquilo que fora vivido e ressignificado pelas gerações anteriores, como em casos ligados a acontecimentos que se registraram na memória nacional, e que não foram vividos diretamente pelo indivíduo que compartilha a memória com a comunidade.

Este processo é aceito e exposto por Michel Pollak (1992) em *Memória e identidade social* no qual discute a identificação com o passado e as projeções de uma memória são possíveis em meio a “socialização política e histórica”. Por isso o autor aponta a possibilidade de ocorrer o reconhecimento de personagens que viveram em outro espaço-tempo, mas pela identificação entre os seus pares, acaba se fazendo importante no presente. Esta relação é um dos elementos para o estabelecimento da sacralização “dos grandes heróis” e dos “feitos históricos” da memória nacional.

A memória deve ser pensada contemporaneamente, como coloca Jacques Le Goff (2013), como um processo de organização e sistematização, sendo um aspecto psíquico que se atualiza constantemente, por isso é recuperada diante das demandas do presente, e no caso da memória social devemos questionar: quais motivos levam um grupo ou comunidade estruturarem uma memória? O autor de *História e memória* aponta que a memória coletiva



se estabelece em meio as disputas de poder pela História de uma sociedade, afirmando a lógica de que a História se escreve por meio de embates:

Do mesmo modo, a memória coletiva foi posta em jogo de forma importante na luta das forças sociais pelo poder. Tornarem-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas. Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores desses mecanismos de manipulação da memória coletiva (LE GOFF, 2013, p. 69).

Sobre o Mucuripe, devemos indagar: por quais motivos a memória de Padre José Nilson se estrutura entre os moradores idosos da comunidade? Quais elementos desta memória perpassaram à população mais jovem do bairro? Quais razões levaram à criação de um *lugar de memória* pela comunidade mucuripense? Ao levantarmos tais questões identificamos que a memória em torno do religioso é um tecido social da comunidade mucuripense, são filamentos que ligam o passado e o presente. O acervo comunica as gerações mais jovens o passado de resistência ante ao grande capital imobiliário que afetou essa comunidade.

O memorial dedicado a Padre José Nilson evoca um líder religioso e comunitário que empenhava lutas em busca de melhorias nas condições de vida dos moradores, por meio da redução da miséria e promoção dignidade social, para que os jangadeiros, estivadores e suas famílias, principais habitantes da região, pudessem ter direitos a habitação, trabalho e educação. Dona Mundinha<sup>7</sup>, em seu relato, elenca uma série de acontecimentos no qual Padre José Nilson buscou mediações junto a população mais sofrida:

Ah, o Padre Zé Nilson só fez bondade pelo Mucuripe, ele ajudou aquelas prostitutas lá da (pausa), no momento eu não tô lembrada, levou lá para o farol, ele fez o colégio, as crianças do Mucuripe estudavam nesse colégio, não pagavam nada, e tinham aquelas pessoas pobres do bairro que ele ajudava, enfim ele foi um pai. Eu tenho muito respeito por ele(...). (Dona Mundinha, 84 anos).

Os moradores idosos, que partilharam as vivências com o pároco, mantem neste *lugar de memória* um espaço de sacralização das lembranças, em muitos casos um saudosismo ao “tempo de Padre Zé Nilson”<sup>8</sup>. Contudo, entendemos que a memória coletiva constituída sobre padre José Nilson denota a identidade dos que viveram a construção do bairro, não se trata apenas de um retorno ao passado, que era “um tempo melhor do que o presente” mas definem

<sup>7</sup> Entrevista realizada na paróquia de Nossa senhora da Saúde no dia 21/06/2017.

<sup>8</sup> Expressão percebida durante a realização das entrevistas e é utilizada comumente entre os moradores mais idosos.



“o que é comum a um grupo e o que o diferencia dos outros, fundamenta e reforça os sentimentos de pertencimento e as fronteiras sócio-culturais” Por isso, não faria sentido entendermos os depoimentos dos moradores idosos de maneira isolada<sup>9</sup>, pois as narrativas atestam acontecimentos comuns aos indivíduos que pertencem à um “quadro social”, por isso as memórias de Padre José Nilson evidenciam a constituição de uma “comunidade afetiva”. Com isso, refletimos:

A memória individual existe, mas ela está enraizada dentro dos quadros diversos que a simultaneidade ou contingência reaproxima momentaneamente. A rememoração pessoal situa-se na encruzilhada das malhas de solidariedade múltiplas dentro dos quais estamos engajados (...). Assim, a consciência jamais está fechada sobre si mesma, nem vazia, nem solitária. Somos arrastados em múltiplas direções, como se a lembrança fosse um ponto de referência que nos permitisse situar em meio à variação contínua dos quadros sociais e da experiência coletiva histórica (HALBWACHS, 1990, p. 45).

Ao trabalharmos com a metodologia da História Oral, especificamente com a vertente da História oral de vida nos valem da leitura da obra de Ecléa Bosi, *A memória e sociedade. Lembrança dos velhos*, que nos oferece uma reflexão sobre o papel da pessoa idosa em nossa sociedade. Buscamos tal leitura por nos depararmos com as reminiscências de mucuripenses que vivenciaram a “era de Padre Nilson”<sup>10</sup>, no qual destacamos as memórias de Dona Mundinha e Dona Olímpia, senhoras mucuripenses que vivenciaram a transformação de sua comunidade e enxergam no religioso um grande benfeitor da comunidade. Dona Olímpia Magalhães Rodrigues<sup>11</sup> nos apresenta um líder que estava à disposição para buscar melhorias para os mucuripenses. A labirinteira nos apresenta um episódio no qual o religioso auxiliou os moradores numa tentativa de remoção de suas moradias:

[...]meio dia o povo ia chamar, aí ele veio, quando ele chegou estavam derrubando tudo...o pessoal da prefeitura, do governo, aquele pessoal que vem né... derrubar as casas do pessoal que mora nos becos... aí até na rua do Expedito (referência à outro morador )... Castro Monte!(Nome da rua)[...] Aí eles tinham feito muitas casinhas num sabe! Aí eles vieram derrubar nesse dia, aí derrubaram até uma certa altura, quando, um filho meu morava lá também, quando ele viu foi lá no padre, aí ele veio, aí eu me lembro como hoje, olhou assim, e disse pare! Pode parar! Num to

<sup>9</sup> Estes depoimentos, apresentados parcialmente neste artigo foram utilizados como metodologia da História Oral na monografia intitulada *História e Memória da trajetória do Padre José Nilson: “através da igreja edificará o Mucuripe” (1950-1960)* defendida como requisito parcial para o título de graduado na Universidade Estadual do Ceará(UECE) e sob orientação da Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Berenice Abreu de Castro Neves.

<sup>10</sup> Esta expressão é importada da obra de Blanchard Girão *Mucuripe: de Pinzón ao Padre Nilson*, e é utilizada para delimitar o período de estudo da memória da comunidade mucuripense. GIRÃO, Blanchard. Mucuripe: De Pinzón ao Padre Nilson. Fortaleza: Edições Fundação Demócrito Rocha, 1998.

<sup>11</sup> Entrevista realizada na casa da idosa, data imprecisa.





dizendo que pare! O que fizeram, as que derrubaram tudo bem, mas essas outras não bole(sic) mas em nada! (Lembrando as palavras de Pe. José Nilson neste episódio de tentativa de remoção). Ele era uma autoridade esse padre! (a colaboradora se emociona). (Dona Olímpia, 80 anos)

O manuseio das fontes, sejam elas as iconográficas, presentes no acervo ou os depoimentos fruto do trabalho com a História Oral possibilitaram relacionar a memória e a identidade do povo mucuripense, que cada vez mais vem sendo minada pelo processo de fragmentação geográfica do Grande Mucuripe. Este processo de fatiamento traz consigo a ideia de não pertencimento, o que qualifica o desconhecimento ou negação da História local, processo esse intencional.

Pollak estabelece as intrínsecas relações entre memória e identidade (POLLAK, 1992, p. 200-212), e afirma que para se engendrar a identidade há o estabelecimento de uma unidade por meio dos critérios de aceitabilidade, admissibilidade e credibilidade, o que possibilitam o sentimento de continuidade e coerência. Tais elementos, perceptíveis na memória dos mucuripenses evidenciam que a figura de Padre José Nilson é fundamental para entendermos a identidade dos moradores idosos do Mucuripe.

Ao entrecruzarmos tais memórias, a imagem de Padre José Nilson é atrelada aos meandros das lutas e resistências comunitárias, além de sua liderança política-social-religiosa se destacaram Otacília Verçosa (D. Tatá) que ainda em mocidade mediou o processo de remoção dos moradores da Rua da Frente (atualmente, Avenida Beira-mar) e continuou auxiliando a comunidade nestas problemáticas sociais; Raimunda Alves de Souza (D. Mundinha) defensora da causa ambiental do Riacho Maceió e artista plástica, no qual pintou as belezas naturais e os costumes dos mucuripense e Vera Lúcia Marcelino Miranda (Verinha) que realizou um árduo trabalho social e em defesa da memória e a História do Mucuripe, além de se destacar nas artes.

A História nos serve acima de tudo para pensarmos as questões do presente, por isso estas reflexões são cada vez mais pertinentes em um contexto crescente de remodelações que o bairro Mucuripe vem passando desde meados do século XX. O capital, por meio da especulação imobiliária, ao construir o processo de verticalização e o poder público ao permiti-las, destruiu as moradias, e com elas, o pertencimento e a identidade dos moradores. Os mucuripenses vem resistindo e com eles, as suas memórias.

### **3 A HISTÓRIA DE PADRE JOSÉ NILSON É A HISTÓRIA DO MUCURIPE**



O acervo Cultural Padre José Nilson foi nosso ponto de partida, conhecemos um pouco de seu histórico e refletimos sobre a sua importância como *lugar de memória* da comunidade Mucuripe, além de pensarmos sobre seu papel de aglutinador da *memória coletiva*, assim como evidenciamos a figura do pároco como bastião da identidade dos moradores idosos.

Neste momento, nos questionamos: quem fora Padre José Nilson? Sabemos que os homens são frutos de seu tempo, são resultados de uma equação inalterável, produtos do passado somado ao presente, e como resultado, o que serão para o futuro. Por isso achamos necessário responder a indagação acima e fazer um apanhado da trajetória do religioso, que será entendido na perspectiva de “sujeito globalizante”<sup>12</sup>, como todo indivíduo, é múltiplo, e atua no âmbito político, econômico, social, cultural do Mucuripe.

Padre José Nilson teve sua formação no Seminário da Prainha, um dos maiores centros de formação religiosa no Norte-Nordeste. A construção do Seminário da Prainha figura no chamado século de ouro dos seminários que foram construídos massivamente na segunda metade do século XIX. Para a cidade de Fortaleza esta instituição figurou como marco de formação não só teológica, sobretudo intelectual, principalmente em um contexto onde se materializava a modernização da cidade por meio do processo de urbanização ou na construção da instituição que propunham a formação moral e intelectual, como o Seminário de Fortaleza. Além disso, a formação ofertada se baseava na cultura francesa, tida como moldes de civilidade.

Durante os fins do século XIX e primeira metade do século XX, o Seminário Provincial de Fortaleza foi o centro de formação em excelência de jovens do Nordeste, e, vale ressaltar que toda a sua imponência como instituição educacional perpassou todas as transformações políticas e sociais que ocorreram nesse contexto. Muitos jovens advindos do interior do Ceará ou mesmo de outros estados se tornavam seminaristas, é o caso do jovem José Nilson, natural de Aratuba e aos 25 anos inicia a sua formação sacerdotal concluindo-a em 1943 juntamente com o curso de Filosofia. Anos mais tarde (1947) concluiu a sua formação em Teologia e continua na instituição, desta vez, como professor de Português.

Segundo as memórias apresentadas na obra *Mucuripe: De Pinzón ao Padre Nilson* de autoria do jornalista Blanchard Girão, o Mucuripe era uma aldeia de pescadores, que carecia

<sup>12</sup> Expressão utilizada na obra São Luís.



de assistência em todos os sentidos, inclusive religiosa, uma vez que os párocos que eram destinados à comunidade não permaneciam muito tempo devido as grandes dificuldades, o penoso quadro de miséria contrastava com as belezas naturais.

Em maio de 1950 chega a uma comunidade marcada por muitas dificuldades, seja pelo difícil acesso, pela longa distância e pela falta de transportes, e ainda pelas problemáticas que afligiam a população e em um contexto de muitas remodelações urbanísticas, que consequentemente afetaram os paroquianos, que em grande parte eram pescadores, estivadores e “mulheres da vida” que viviam sob a brisa do mar. Contudo os que moravam na Rua da Frente (atual Avenida Beira-mar) foram remanejados para o Serviluz ou para a Praia mansa recém-formada pelo processo de assoreamento.

Como nos aponta Blanchar Girão e Erika Pinho, fora Padre José Nilson que aceitou a difícil tarefa de mediar o processo de remoção dos moradores junto a Prefeitura, principalmente o caso das prostitutas que viviam em situação de vulnerabilidade, pois muitas moravam onde trabalhavam, “ Padre José Nilson, pároco do Mucuripe à época e pelos 50 anos seguintes, que indicou Tatá (Otacília Verçosa) para as negociações com o prefeito, sensibilizado com a expulsão das mulheres da Rua da Frente para a área inóspita do Farol” (PINHO, 2010).

Padre José Nilson aponta que: Naquele tempo, não tinha quem quisesse ir para o Mucuripe. Ali era pobre demais. Não tinha quase nada. As casas eram de palha e a igreja também. Tinha as meninas da Beira Mar que moravam em frente à capela de São Pedro. Elas me deram trabalho não pelo comportamento delas, mas porque, no tempo do Cordeiro Neto [prefeito de Fortaleza de 1959-63] ele queria tirá-las de lá e então eu enfrentei. Disse que ele só tiraria se as colocasse num lugar propício para elas. Ele as colocou no Farol [...]. No tempo que queriam fazer a Beira-Mar, o prefeito [Cordeiro Neto] arranhou uma pessoa para indenizar casa por casa, mas era uma coisinha de nada. Então, pedi a ele que desse uma casa, mais ou menos, conforme elas viviam. Em parte, ele atendeu. Mas elas não gostaram muito da ida lá para o Farol porque não tinha quase ninguém – tinha, talvez, umas três ou quatro casas.<sup>13</sup>

Por ser pescador de profissão<sup>14</sup> Padre Nilson entendia as dificuldades dos homens do mar, por isso não se restringia ao altar, além de oferecer a fé e o alento espiritual o pároco lutava para que os jangadeiros se profissionalizassem e tivessem alguma seguridade, Como mostra o jornal presente no acervo: *pescadores fazem procissão e pedem ministério da Pesca*<sup>15</sup>. Além disso, combatia severamente os vícios (prostituição, álcool e a vadiagem) que

<sup>13</sup> Entrevista de Padre José Nilson ao Jornal O Povo, publicada em 9.3.2004.

<sup>14</sup> As carteiras de pescadores do religioso estão expostas no Acervo Cultural Padre José Nilson.

<sup>15</sup> O recorte de jornal presente no acervo não apresenta nenhuma referência, mas cremos que se trata da reivindicação dos jangadeiros para participar da Assembleia Nacional Constituinte que teve a primeira eleição



eram empecilhos para o trabalho e conseqüentemente alimento para a miséria de suas famílias.

Padre Nilson é fruto de uma formação de rígida disciplina, onde a Igreja buscava se adaptar as transformações no qual a sociedade estava a passar, para tanto a relação com o Estado foi crucial para o estabelecimento de um controle político-ideológico e moral. Vários mecanismos foram criados para estreitar as relações entre Estado-Igreja-Povo, dentre eles os movimentos leigos. Neste caso, voltaremos nossa atenção para os Círculos operários Católicos, isso se justifica pela sua presença no bairro Mucuripe.

Os Círculos Operários Católicos no estado do Ceará foram inegavelmente instituições de grande importância para a mediação na luta de classes, vale destacar que o modelo empreendido pela Igreja era o de mediação entre patrões e empregados. Vale salientar que em nosso estado os círculos operários eram divididos por categoria, como por exemplo, o Círculo Operário do Mucuripe, que era formado apenas por pescadores. De certo modo este modelo de organização circulista canalizava a relação entre empregadores e empregados.

É inevitável atrelarmos a História do Mucuripe ao Padre José Nilson por conta do seu trabalho social, por isso a história do Padre José Nilson se imbrica com a história da própria comunidade, os 50 anos no qual fora pároco da Igreja de Nossa Senhora da Saúde o bairro passou por intensas modificações decorrentes do acelerado processo urbanístico de Fortaleza.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A história apresentou muitos usos e abusos ao longo do tempo, desde a legitimação de opressão, busca por libertação, constituição nacional, dentre outros aspectos ideológicos. Diante de tudo que pudermos mencionar o elemento constituinte de um determinado regime de historicidade é a afirmação ou destituição da identidade, por isso buscamos neste breve texto apresentar peças da história de nossa cidade, que muitas vezes é desconhecida pela própria população e dar voz aos “protagonistas anônimos” é um dos papéis da História.

A imagem de padre José Nilson é o que proporciona o entrelaçamento das memórias individuais formando um campo identitário e coletivo. É unívoco a percepção de que o pároco

---

em 15 de novembro de 1986 e que fora instalada em 1º de fevereiro de 1987 e em 20 meses depois promulgaria a atual constituição.



foi uma personalidade que lutou para o estabelecimento de dignidade para a população mais pobre, por meio de suas empreitadas na questão da moradia, trabalho, educação. Com isso percebemos que seus objetivos iam além do assistencialismo, mas, sobretudo pela sistematização de melhoria substancial da vida dos mucuripenses. Não podemos renegar suas relações políticas com o poder público que concediam auxílio na estruturação deste projeto social. As memórias dos mucuripenses indicam que tais auxílios eram benesses sociais, e não tinham relações de politicagem.

A identidade é o elo psicossocial de um determinado grupo, é o que fundamenta a História e a memória da comunidade do Mucuripe. Trazemos aqui esta concepção como prenúncio de nossas reflexões. Encontramos a identidade como sustentáculo da memória social constituída na comunidade do Mucuripe, fenômeno analisado neste artigo. Vale ainda mencionar que Padre José Nilson é a figura central para a edificação deste quadro por meio do estabelecimento de um *lugar de memória*.

## REFERÊNCIAS

AMADO, Janaína, FERREIRA, Marieta de Moraes (Coord.). **Usos e abusos da história oral**. 8 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

AZEVEDO, Miguel Ângelo (Nirez). **Cronologia ilustrada de Fortaleza-roteiro para um turismo histórico e cultural**. Fortaleza: Editora Banco do Nordeste, 2005.

BOSI, Ecléa. **A memória e sociedade**. Lembrança dos velhos. 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. Trad. de Maria Letícia Ferreira. 1ª ed. 4ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2018.

CARDOSO, Ciro Flamarion Santana. **Novos domínios da história**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

CAVALCANTE, Eider de Olivindo. **Os meandros do habitar na metrópole: expansão urbana e controle territorial na produção do litoral de Fortaleza**. Tese de doutorado. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2017.

D'ALESSIO, Márcia Mansour. *Memória: leituras de M. Halbwachs e P. Nora*. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 13, nº 25/26, p.97-103, 1993.

FECHINE, José Alegnberto Leite. **As alterações no perfil natural da zona costeira da cidade de Fortaleza, Ceará, ao longo do século XX**. Dissertação de mestrado. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2007.



FERREIRA, Marieta de Moraes Ferreira. *História, tempo presente e história oral*. **Revista Topoi**, Rio de Janeiro, dezembro, 2002, pp. 314-332.

GIRÃO, Blanchard. **Mucuripe**: De Pinzón ao Padre Nilson. Fortaleza: Edições Fundação Demócrito Rocha, 1998.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória coletiva**. São Paulo: Edições Vertice/ Editora Revista dos Tribunais LTDA, 1990.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 7. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2013.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **História oral**: como fazer, como pensar. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2014.

\_\_\_\_\_. **Guia prático de história oral**: para empresas, universidades, comunidades, famílias. São Paulo: Contexto, 2011.

MENEZES, Maria Aparecida. *História oral*: uma metodologia para o estudo da memória. Natal - RN, n.28, p. 23-36, 2005.

NORA, Pierre. *Entre memória e história*: a problemática dos lugares. **Projeto história**. São Paulo (10) de dezembro, 1993.

PINHO, Érika Bezerra De Meneses. “**O tempo bom do Farol**”: transgressão, sociabilidade e afeto nas trajetórias de ex-prostitutas idosas. Dissertação de Mestrado. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2012.

POLLAK, Michel. *Memória, esquecimento, silêncio*. **Revista de Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol.2, nº 3, 1989, p. 3-15.

\_\_\_\_\_. *Memória e identidade social*. **Revista de Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, nº 10, 1992, p. 200-212.

PORTELLI, Alessandro. *Tentando aprender um pouquinho*. Algumas reflexões sobre a ética na História Oral. **Revista Projeto História**. São Paulo, n. 15, abr. 1997.

SANTOS, Jovelina Silva. **Círculos Operários no Ceará**: “instruindo, educando, orientando, moralizando” (1915-1963). Fortaleza, 2007.